



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do projeto de urbanização de favelas nas bacias dos córregos Cabaças e Segredo; assinatura do contrato de financiamento do programa Pró-Transporte e assinatura de ordem de início das obras do contorno rodoviário de Campo Grande

Campo Grande-MS, 24 de agosto de 2010

Meu querido companheiro Paulo Sérgio, ministro dos Transportes,

Meu querido companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,

Meu querido companheiro Nelson Trad Filho, prefeito da cidade de Campo Grande, por meio de quem cumprimento todos os companheiros prefeitos e prefeitas que estão aqui presentes,

Meu caro Paulo Siufi, presidente da Câmara Municipal de Campo Grande, por intermédio de quem cumprimento todos os vereadores, na certeza, Nelson, que se não tiver uma câmara atuante e que esteja disposta a contribuir com o prefeito, seria muito mais difícil fazer as coisas. Portanto, parabéns pela construção democrática que você conseguiu fazer aqui.

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Antunes, superintendente regional da Caixa Econômica Federal. A nossa companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa, não pôde estar presente porque está doente.

Quero cumprimentar o companheiro Marcelo Miranda Soares, superintendente do DNIT no Mato Grosso do Sul,

E quero cumprimentar a companheira Selma Rodrigues de Oliveira e o companheiro Tiago Ramos Dias, por intermédio de quem cumprimento todos os beneficiários do projeto de urbanização das bacias dos córregos de Cabaças e Segredo,



Companheiros e companheiras,

Eu não vou precisar disso aqui, não vou repetir os números que todo mundo já falou aqui. E, daqui a pouco... Se começar a falar de números, daqui a pouco o Nelsinho começa a apresentar projetos para pegar mais dinheiro.

Mas deixa, em poucas palavras, eu dizer uma coisa para vocês e, sobretudo, para os prefeitos e para o Nelson, aqui. Ô Nelson, se a gente olhar bem o que aconteceu no Brasil nos últimos 50 anos, a gente vai chegar à conclusão de que a nossa geração está menos governando, mas estamos quase que fazendo um processo de reparação nos desgovernos que aconteceram no nosso país.

Em uma cidade como Campo Grande, ainda não, mas em uma cidade como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, e outras cidades maiores, o que a gente percebe é que houve um desgoverno nos últimos 50 anos, e que foram permitindo que as pessoas mais pobres fossem ocupando espaços inadequados para morar. E quando é uma pessoa, a gente pode tirar; quando são duas pessoas, a gente pode tirar; mas, quando se transformam em mil pessoas, em duas mil pessoas, já é um problema social de monta, e fica muito mais difícil você mexer com isso.

Quando a gente ouve falar na televisão “Complexo do Alemão”, “Manguinhos”, “Pavão-Pavãozinho”, lá no Rio de Janeiro, a gente pensa que aquilo era assim há 50 anos, e não era. Parte daquilo era fazendas há 50 anos e os governos foram permitindo que fossem sendo ocupadas de forma desordenada: pessoas fazendo casas, por necessidade, na beira de córregos, pessoas fazendo casas nas encostas de morros. E a gente só percebe a gravidade disso quando dá uma chuva muito forte, que vem tudo abaixo, e começa a morrer gente. Aí a gente começa a tentar cuidar de uma coisa que poderia ter sido evitada se, na década de 50, na década de 60, na década de 70, as pessoas tivessem cuidado adequadamente.



Eu posso te dar um exemplo concreto: em São Paulo, em 1970, eu conhecia duas favelas. Eu conhecia uma favela famosa, chamada... da Vila Prudente, e conhecia uma favela famosa chamada Favela do Vergueiro. Hoje, são quase dois milhões de paulistas morando em favela.

Por que isso aconteceu? Em primeiro lugar, porque não se planejava adequadamente o crescimento das cidades, o crescimento dos estados e o crescimento do país. Em segundo lugar, não se criava planos diretores para discutir corretamente onde é que as pessoas tinham que construir as suas casas. E aí todos nós temos culpa, porque, muitas vezes, está cheio de vereador que apoia ocupações inadequadas. No dia em que as pessoas invadem um terreno inadequado, apoiam, e, quando as pessoas morrem porque encheu d'água, eles desaparecem de lá.

E assim vale muita coisa neste país que foi feita da forma mais equivocada possível. Então, a tua geração e a de outros prefeitos estão tentando consertar as coisas que foram feitas erradas durante tantos e tantos anos neste país. É por isso, companheiro, que a gente chegou onde nós chegamos. Até eu chegar ao governo, era difícil liberar dinheiro para saneamento básico. Não sei se aqui tem prefeito de três mandatos, ou que já foi prefeito há 12 anos. Era muito difícil um prefeito conseguir R\$ 10,00 para fazer um metro de saneamento básico, porque neste país a classe política tinha se acostumado a fazer ponte para colocar o nome dos parentes na ponte. E não dá para colocar o nome de parente em manilha embaixo da terra.

As pessoas não percebiam que vale muito mais uma criança poder andar descalça, sem estar pisando em esgoto a céu aberto, com saúde, do que ter o nome da tia bem grandão, em uma ponte feita no centro da cidade. As pessoas... Essa geração de vocês está descobrindo isso. E sobretudo você que é médico, sabe que cada real que a gente investe em saneamento básico a gente, na verdade, está deixando de investir R\$ 4,00 na Saúde. Então, investir na coleta de esgoto, tratamento de água, tratamento de esgoto, é



investir em uma saúde preventiva da nossa população, e é isso que nós estamos fazendo aqui.

Então, é importante que a gente diga isso, porque eu estava um sábado, em casa, quando eu fiquei sabendo da notícia de que tinha dado uma chuva em Campo Grande e que tinha acabado com Campo Grande. Foi a maior chuva que Campo Grande viu, que foi pouco tempo de chuva, mas foi que nem o time do Corinthians: arrasador. Pois bem, era um sábado, era um sábado quando eu liguei para o Nelsinho e falei: “Nelsinho, eu estou sabendo da chuva, eu quero saber o seguinte: conte com o governo federal naquilo que for necessário, traga o projeto, que nós temos interesse em ajudar a consertar Campo Grande”. E mandamos para ele 20 milhões. Ou seja, antes... O Nelson sabe, e os prefeitos sabem que jamais um presidente ligaria, com medo de dar dinheiro, porque era tudo... o dinheiro tinha que ficar no caixa para poder prestar contas ao Fundo Monetário Internacional, no final de cada ano. Nós, hoje, não só não devemos ao Fundo como o Fundo nos deve US\$ 14 bilhões que nós emprestamos para ele.

Bem, mas o que me motivou a vir aqui hoje, o que me motivou a vir aqui hoje é o fato de a gente estar cuidando de um local que dava enchente, que as pessoas tinham problemas de alagamento – eu vi umas fotos como era em 2008 e como é agora, eu vi crianças dentro da água, eu vi surfista com tampa de isopor –, porque eu já passei por isso. Eu morei em um bairro chamado Ponte Preta, em São Paulo, em que a menor altura de água que dava, quando chovia, era um metro e meio de água dentro de casa. E eu sei o que é a gente acordar meia-noite, com rato, com barata, com fezes boiando dentro da casa, voltando tudo do vaso sanitário. Eu sei o que é pegar a mãe, mais velha, e tirar colchão molhado, levantar fogão, levantar geladeira. Eu sei o que é, porque passei muito isso. E, como eu tinha 20 anos, eu era jovem, ainda pegava uma câmara de pneu de caminhão e ainda saía nas casas, procurando gente que precisava de ajuda para a gente poder ajudar. Hoje, um velhinho como eu não



faz mais isso, mas com 20 anos eu tinha saúde para fazer.

Então, quando eu vejo [vi] aquela foto, o que era 2008 e o que é agora, eu compreendi cada palavra do que você falou, porque eu vivi exatamente essa situação. Não foi uma vez, foram dezenas de vezes em que a minha casa encheu d'água. Eu... Aliás, desde dez anos de idade, que eu morava em um bairro chamado Vila Carioca, lá em São Paulo, que já enchia d'água. Depois eu mudei para Ponte Preta, que enchia d'água. Aí, eu mudei para uma vila, em São Caetano, chamada Vila São José, fui morar em uma rua chamada Padre Mororó, nunca tinha dado enchente. Pois no primeiro ano em que eu mudei, um metro de água dentro da minha casa.

Então, eu, essas coisas eu conheço, e é por isso, Nelson, que a gente tem colocado muito dinheiro em saneamento básico, para a gente poder minimizar o sofrimento do povo mais pobre deste país. A gente tem que governar para todo mundo, a gente tem que governar para empresário, para trabalhador, mas a gente tem que estar sempre com olho nos mais necessitados.

Eu digo sempre o seguinte: governar é fazer o papel de mãe. Na verdade, a gente não governa, Nelson. Deve ter sido um intelectual que bolou essa palavra “governar” porque, na verdade, o que nós fazemos é cuidar do nosso povo, a palavra correta é “cuidar”, é cuidar do povo. E da mesma forma que uma mãe é honesta, se ela tiver cinco filhos na mesa, pode ter um mais bonito, pode ter um maior, mas se tiver cinco bifés, ela vai dar um bifinho para cada um, e se alguém pegar dois vai tomar uma bronca. É assim que a gente deve governar: se a gente pode só dar um bifinho para cada um, é um bifinho para cada um, mas não pode dar dez para um e nem um para o outro, como habitualmente se fazia neste país.

Então, eu penso que nós aprendemos a cuidar deste país. As coisas melhoraram, as coisas melhoraram. Ainda falta muito, porque a gente não consegue consertar 500 anos em oito anos, falta muito. Mas eu ando pelo



Brasil, eu vejo a cara do povo, tem mais gente estudando. Nesses dias, Nelson, você que é médico, o ProUni formou seus primeiros 414 jovens da periferia em Medicina. Quando é que a gente imaginava um pobre da periferia estudar Medicina?

Quando eu vejo uma mulher dessa falar da casa... A casa é o maior patrimônio que um ser humano pode ter. Tem gente que tem direito a ter casa de praia, casa de campo, casa não sei de onde, casa não sei para onde, casa... tem gente que faz até um negócio do cemitério para morar quando morre que é mais chique do que a casa da gente. Mas a gente não quer nada chique, a gente quer apenas ser respeitado e morar com decência; a gente quer ter um cantinho para não se molhar quando chover, para não se queimar quando fizer sol e para a gente poder cuidar da família da gente.

É por isso que nós criamos o programa Minha Casa, Minha Vida. O primeiro programa, são um milhão de casas que nós contratamos, se Deus quiser, tudo este ano. Não pense que foi fácil contratar um milhão de casas. A Caixa não sabia contratar, não estava preparada, porque só contratava 200 mil casas; os empresários da construção civil não sabiam fazer. A verdade é que o primeiro setor que eu fui perguntar se tinha condições de fazer um milhão de casas foi para os empresários, que disseram: “Nós não estamos preparados para fazer um milhão de casas, só podemos fazer 200 [mil]”. No governo, fizemos mais de 30 reuniões, para tirar taxas de juros, para diminuir imposto... Eu descobri, descobri – um dia você conversa com a Maria Fernanda –, eu descobri que tem pessoas que pagam mais de taxa de seguro do que a prestação da casa. Não é possível as pessoas pagarem uma coisa que não precisa pagar. Por isso que o programa Minha Casa... Minha Vida, Minha Casa [Minha Casa, Minha Vida] é subsidiado. Tem muito dinheiro do governo para a gente poder garantir que as pessoas mais pobres deste país tenham o direito de ter a sua casa, com o seu quintal.

Outro dia, Nelson, outro dia eu fui a uma cidade e, chegando lá, fui



visitar umas casas. Aí eu fiquei meio acabrunhado. Fiquei acabrunhado porque tinha umas casas até jeitosinhas, mas me disseram: “Olha, essa casa não está acabada porque as pessoas querem acabar do jeito que gostam”. Fiquei meio... A gente gosta da coisa bem feita. Aí, eu percebi que não tinha um murozinho. Ora, se não tem um muro para garantir a individualidade da família, daqui a pouco estão os cachorros brigando, as galinhas brigando, os galos se pegando. Então, é preciso que a gente tenha um mínimo de respeito com as pessoas. Já que a gente vai dar a casa, vamos dar a casa dignamente, com qualidade. Agora as casas novas vão ser entregues com azulejo, vão ser entregues com piso e vão ser entregues com forro e uma janela que caiba um casazinho para ver a lua cheia, no tempo de lua cheia. Não é possível! Tinham umas casas que as janelas eram tão pequenas que um cara com a minha cabeça não cabia na janela.

Então, as pessoas aprenderam, ao longo da vida, de que pobre não gosta de coisa boa. Sabe, se criou essa ideia, de que para pobre tem que ser tudo de segunda categoria. E eu me recuso a aceitar, porque pobre gosta é tudo de primeira categoria, se não tem é porque não pode. Se não tem... Eu via quando a minha mãe ia à feira. Você sabe que pobre vai à feira depois das onze, porque... Não... Não, porque os que vão na frente, vão apertando tomate, aperta a laranja, até ovo aperta; o que vai por último já pega tudo amassadinho, tudo... Então, eu falava para a Marisa: “Olha, nós vamos logo cedo na feira, mesmo que (incompreensível), vamos comprar logo aquelas laranjas maiores, desse tamanho assim, que é para a gente sentir o prazer de estar comprando as coisas boas”. É assim que pobre pensa, é assim. Todo mundo gosta de ter as coisas boas. Quem é que não gosta de se vestir bem? Quem é que não gosta de morar em uma rua asfaltada, com pista para seus filhos brincarem, com... Hein? E andar de avião, então. Então, quem é que não gosta das coisas boas? É uma pena que nem todo mundo goste de ser corintiano mas, de qualquer forma, tem gente que já torce para o Botafogo, tem



gente que já torce para o Santos, para o São Paulo, para o Palmeiras, para o Flamengo.

Mas o dado concreto, gente, é que nós aprendemos a criar uma linha de raciocínio em que as pessoas têm que ser respeitadas. Nós já vamos contratar, neste ano, um milhão de casas e já deixamos preparado, para o próximo ano, mais 2 milhões de casas para serem feitas em quatro anos, mais 2 milhões de casas. Ou seja, se vocês ouvirem falar que está faltando cimento é porque tem muita construção neste país.

Esse menino que falou com vocês aqui, agora, isso aqui é baixinho, mas isso é inteligente. Ele, hoje, hoje, nós estamos gastando, por mês, em pagamento de obra feito em estado, no Brasil, por mês, o que se fazia por ano, em 2002, por mês. A Caixa Econômica Federal, em 2005, financiava 5 bilhões, no ano passado financiou 47 bilhões e, neste ano, vai financiar 60 bilhões.

Então, nós estamos vivendo um momento de ouro neste país. A nossa parceria é uma parceria que não... não permite que a gente não seja sincero um com o outro. O Nelson sabe, eu já disse para ele, disse para os prefeitos: não falta dinheiro, se tiver projeto. Não adianta chegar lá contando miséria para mim. Se tiver projeto que a gente seja factível [que seja factível], o dinheiro aparece, e o Nelson é testemunha de que, com projeto, o dinheiro parece.

Por isso, Nelson, a minha alegria de poder participar de um lugar em que as pessoas viviam mal e corriam até risco de vida e ver, hoje, o lugar chique, tão chique que daqui a pouco até o prefeito vai querer morar aqui, até o prefeito vai querer correr aqui.

Então, gente, olha, muito obrigado, de coração. Nós aprendemos a trabalhar em parceria. Eu duvido que tenha um prefeito, se for honesto, neste país, que diga que o meu governo deixou de fazer alguma coisa porque ele não era de um partido ligado a mim. Eu duvido que tenha um governador neste país que tenha a coragem de olhar nos meus olhos e dizer que eu não fiz a coisa para o seu estado porque ele não é do meu partido, duvido. Pode pegar o de



São Paulo, pode pegar o do Rio Grande do Sul, pode pegar até aqueles que falam mal de mim, para saber se faltou algum centavo.

E eu digo sempre, Nelson, o seguinte: para mim, pode juntar desde o governo Figueiredo, governo Fernando Henrique Cardoso, governo Itamar, governo Collor e governo Fernando Henrique Cardoso, todos, para saber se todos eles juntos trouxeram para o Mato Grosso do Sul a quantidade de dinheiro que nós liberamos no meu governo. E vamos continuar liberando, porque não é favor que eu faço para o prefeito. A minha relação com o prefeito é de amizade, mas é, sobretudo, institucional. Agora, a relação dele e a minha, de respeito e com quem nós temos compromisso ético e moral é com o povo de Campo Grande, é com o povo do estado e é com o povo brasileiro. Por isso, as coisas estão acontecendo.

Um abraço. Parabéns, Nelsinho. E pare de levar dinheiro, porque assim ninguém aguenta. Qualquer dia eu vou parar de recebê-lo, porque o bichinho, cada vez que vai lá, sai com um pacote de dinheiro e me deixa um pacote de projetos. Mas, de qualquer forma, eu fico feliz de saber que Campo Grande está sendo bem gerenciada.

Boa sorte, gente, e um abraço.

(\$211A)



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República
